
A pesquisa brasileira em jornalismo: história e institucionalização¹

Cristiano ANUNCIACÃO²
Universidade de Brasília, Brasília, DF

Resumo

Temos testemunhado, nos últimos anos, um intenso processo de institucionalização da pesquisa em jornalismo no Brasil. Esse arranjo foi, quase todo ele, pavimentado nos primeiros anos deste século, com a criação da SBPJor, a adoção de linhas e grupos de pesquisa específicos em PPGsCom, o funcionamento de PPGs em jornalismo e a definição das novas diretrizes curriculares para o curso de graduação em jornalismo. O artigo deste texto é pontuar aspectos históricos e institucionais que circundam a pesquisa acadêmica em jornalismo no país. Traçaremos, nesse sentido, alguns pontos que marcam o que podemos chamar aqui de história acadêmica do jornalismo.

Palavras-chave: história do jornalismo; pesquisa em jornalismo; estudos em jornalismo.

Temos testemunhado, nos últimos anos, um intenso processo de institucionalização da pesquisa em jornalismo no Brasil. Após mais de 70 anos de fundação da primeira faculdade de jornalismo do país, notamos uma forte organização da estrutura de pesquisa acadêmica deste subcampo da comunicação. Esse arranjo institucional foi, quase todo ele, pavimentado nos primeiros anos deste século, com a criação da SBPJor, a adoção de linhas e grupos de pesquisa específicos em PPGsCom, o funcionamento de PPGs em jornalismo e a definição das novas diretrizes curriculares para o curso de graduação em jornalismo.

Este artigo objetiva pontuar aspectos históricos e institucionais que circundam a pesquisa acadêmica em jornalismo no país. Ou melhor, o jornalismo como território produtor de investigação acadêmica, que, nos primeiros anos deste século, ganhou bastante alcance e vigor institucional. Traçaremos, nesse sentido, alguns pontos que marcam o que podemos chamar aqui de história acadêmica do jornalismo. O nosso intuito é fazer menos uma história que se ocupa apenas com nomes e datas e mais assinalar mudanças no modo como, num dado período, passou a se organizar a pesquisa brasileira em jornalismo.

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pela UnB, e-mail: cristianoanunciacao@gmail.com.

A partir dos anos 2000, ocorre no país um crescimento considerável no número de programas de pós-graduação em Comunicação e, acompanhando esta demanda, um aumento quantitativo da publicação de livros e artigos científicos especializados em jornalismo. Conforme dados da Capes, até o ano de 2018, havia 54 programas (incluindo mestrado e doutorado acadêmico, além da modalidade mestrado profissional). Seguindo esta trilha, começam a surgir, com mais ênfase, linhas de pesquisa em jornalismo, e, mais precisamente na segunda metade da década, os primeiros programas com área de concentração neste ramo de estudos, com a oferta obrigatória da disciplina *Teoria do Jornalismo*, também presente, como optativa, nos PPGsCom com linhas em jornalismo.

Os primeiros anos deste século marcam ainda uma preocupação em sistematizar as chamadas teorias do jornalismo, tal como se fez em relação às teorias da comunicação (cf. DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993; HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001; A. MATTELART; M. MATTELART, 1995; MIÈGE, 2000; WOLF, 1987). A Editora da Unisinos lançou, em 2001, *O estudo do jornalismo no século XX*, de Nelson Traquina. Um ano depois, uma parceria entre a Editora Argos e a Letras Contemporâneas editou *Teoria da notícia e do jornalismo*, de Jorge Pedro Sousa. A terminologia “teorias do jornalismo” só ganhou protagonismo, no título deste tipo de publicação, em dois volumes da obra de Nelson Traquina: o primeiro, de 2004, com o subtítulo *Porque as Notícias são como são*; e o segundo, de 2005, com a especificação *A Tribo Jornalística: uma Comunidade Interpretativa Transnacional*. Ambos foram encomendados pelo curso de especialização em Estudos de Jornalismo, da UFSC, como assinala o então professor da instituição Eduardo Meditsch no prefácio do primeiro volume (cf. *A Contribuição Portuguesa para a Teoria do Jornalismo no Brasil*). Em 2005, a docente portuguesa Cristina Ponte publicou, pela mesma editora, *Para Entender as Notícias: Linhas de Análise do Discurso Jornalístico*. No mesmo ano, Felipe Pena, da UFF, lançou *Teoria do Jornalismo* – nos mesmos moldes do primeiro volume de Traquina –, pela Editora Contexto.

Na contramão dos livros de Jorge Pedro Sousa, Nelson Traquina e Felipe Pena – com uma síntese do que seriam as teorias do jornalismo –, José Marques de Melo publica uma obra com a mesma nomenclatura (“teoria do jornalismo”), mas com o subtítulo *Identidades Brasileiras* (2006), com uma antologia que retrata sua experiência na pesquisa nacional.

O professor da UFS Carlos Eduardo Franciscato lança, em 2005, *A Fabricação do Presente: como o Jornalismo Reformulou a Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais* pela Editora da Universidade, resultado de sua tese de doutoramento. A professora Sylvia Moretzsohn, hoje aposentada pela UFF, engrossa a bibliografia sobre jornalismo, com a publicação, em 2002, *Jornalismo em Tempo Real: o Fetiche da Velocidade*, e, em 2007, *Pensando contra os Fatos – Jornalismo e Cotidiano: do Senso Comum ao Senso Crítico*, ambos pela Editora Revan, como produto de suas pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente.

As professoras Christa Berger e Beatriz Marocco, da Unisinos, organizam *A Era Glacial do Jornalismo: Teorias Sociais da Imprensa*, uma coletânea de textos sobre a atividade jornalística na Alemanha (volume 1, em 2007) e nos Estados Unidos (volume 2, em 2008). Na virada da década, a Editora Vozes passa a lançar uma coleção denominada *Clássicos da Comunicação Social*, coordenada por Antônio Hohlfeldt, da PUC-RS, com as traduções de *Opinião Pública* (2008), de Walter Lippmann, *A Construção da Notícia* (2009), de Miquel Rodrigo Alsina, *A Teoria da Agenda: a Mídia e a Opinião Pública* (2009), de Maxwell McCombs, e *O Poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais* (2011), de Otto Groth. Além disso, a Editora Penso edita, em 2011, o livro *Teoria do Gatekeeping: Seleção e Construção da Notícia*, de Pamela Shoemaker e Tim Vos.

Desde 2009, a série *Jornalismo a Rigor*, da Editora Insular, é responsável por lançamentos e novas edições de livros sobre jornalismo. A série é coordenada por Eduardo Meditsch e publicou obras como *Jornalismo, Fatos e Interesses: Ensaio de Teoria do Jornalismo* (2009), de Wilson Gomes, *A Qualidade da Informação Jornalística: do Conceito à Prática* (2009), de Carina Andrade Benedeti, *A Escola de Jornalismo: a Opinião Pública* (2009), de Joseph Pulitzer, *Jornalismo, Conhecimento e Objetividade: além do Espelho e das Construções* (2009), de Liriam Sponholz, *Masculino, o Gênero do Jornalismo: Modos de Produção das Notícias* (2014), de Márcia Veiga da Silva, e *Origens do Pensamento Acadêmico em Jornalismo: Alemanha, União Soviética e Japão* (2017), de Francisco Rüdiger, bem como reeditou os livros *Ideologia e Técnica da Notícia* (2012), de Nilson Lage, e o já citado aqui *O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo* (2012), de Adelmo Genro Filho. O texto de Eduardo Meditsch na orelha dos volumes da série revela o objetivo da coleção:

“Se a teoria na prática é outra, então há algo errado na teoria.” Com essa constatação, feita há duas décadas, Adelmo Genro Filho nos desafiou a construir uma autêntica Teoria do Jornalismo. Mas, como na mesma época observou Nilson Lage, essa seria uma tarefa para mais de uma geração. A *Série Jornalismo a Rigor* é uma iniciativa da Editora Insular, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, que vem a se somar a este esforço coletivo que já tem história no campo. Objetiva publicar reflexões acadêmicas de alto nível que contribuam para elevar o senso crítico e a qualidade da prática do Jornalismo como atividade intelectual.

Com vocação multidisciplinar, a *Série* aponta, no entanto, para a construção de uma Teoria do Jornalismo de direito próprio, que responda às questões suscitadas de dentro desta importante prática cultural. Procura assim ajudar na superação com complexo de inferioridade de uma área que se deixou colonizar intelectualmente. Não deixa, com isso, de agregar as contribuições das áreas vizinhas, mas, como propunha Otto Groth, as situa sempre como “ciências auxiliares” da nova disciplina. Busca também enfrentar os muitos preconceitos contra o Jornalismo, gerados em setores acadêmicos e campos sociais outros, e tantas vezes internalizados de forma a-crítica pelas escolas de comunicação (MEDITSCH).

Outra obra que se preocupa com a etiqueta “teoria do jornalismo” é *Crêterios de Noticiabilidade: Problemas Conceituais e Aplicações* (2014), com diversos textos sobre o tema. O livro também é resultado de uma parceria entre Editora Insular e o PPGJor da UFSC.

Já a série *Jornalismo em Pauta (Coleção Ciências da Comunicação)*, projeto criado em 2014 pela Editora Appris, de Curitiba, em conjunto com o curso de Jornalismo da ESPM-RS, coordenada pelos professores Adriana Schryver Kurtz e Francisco de Assis, publicou, dentre outros livros, *Fronteiras Híbridas do Jornalismo* (2015).

Há ainda a série *Jornalismo e Sociedade*, uma parceria entre a Editora Insular e a linha de pesquisa homônima do PPGCom da UnB, que começou a publicar, a partir de 2015, obras relacionadas ao jornalismo. Naquele ano, foi editado *Mudanças e Permanências do Jornalismo*, com contribuições de pesquisadores da América Latina e de países francófonos (Bélgica, Canadá e França) – fruto do debate realizado no I Colóquio Mejor (Mudanças Estruturais no Jornalismo), em 2011, na UnB –, e, em 2016, *Natureza e Transformação do Jornalismo*, dos pesquisadores canadenses Jean Charron e Jean de Bonville. Antes da coleção, em 2012, os professores Fábio Henrique Pereira, Dione Moura e Zélia Adghirni, da linha de pesquisa, haviam organizado a coletânea *Jornalismo e Sociedade: Teorias e Metodologias*.

Também houve a necessidade de pensar o desenvolvimento de métodos próprios para investigar os fenômenos jornalísticos. Um passo nessa direção foi dado com a publicação, em 2007, da obra *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*, organizado por Cláudia Lago e Marcia Benetti.

Muitas dessas publicações estão vinculadas às linhas de pesquisa em jornalismo dos PPGsCom e aos programas de pós-graduação em Jornalismo.

A primeira linha de pesquisa nesta especialidade, *Jornalismo e Processos Editoriais*, do PPGCom da UFRGS, começou a operar juntamente com o doutorado, em 2000, sendo extinta em 2018. Como optativa e resultante desta linha, o Programa oferece a cadeira *Teoria do Jornalismo*, ministrada por Marcia Benetti.

A linha *Jornalismo e Sociedade*, do PPGCom da UnB, também passou a funcionar com a implantação do doutorado, em 2003. No segundo semestre de 2018, a disciplina *Teorias do jornalismo* foi ofertada pela primeira vez pelo professor da linha Fábio Henrique Pereira.

No PPGCom da Unisinos, a linha de *Linguagem e Práticas Jornalísticas* existe desde 2007. No ano seguinte, tem início no Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero a linha *Produtos Midiáticos: Jornalismo, Imagem e Entretenimento*. Com a criação do Mestrado em Comunicação da UFPI, em 2012, tem-se a linha *Processos e Práticas em Jornalismo*. A linha de pesquisa mais recente com foco no jornalismo é *Jornalismo, Mídias e Cultura*, do mestrado em Comunicação e Sociedade da UFT, de 2016.

A matéria *Teorias do Jornalismo* também é disponibilizada como optativa em PPGsCom que não abrigam linhas de pesquisa específicas em jornalismo, como é o caso dos mestrados em Comunicação da UFMS e da UFS.

No que diz respeito ao desenvolvimento de associações científicas (e da abertura de espaços em associações), os anos 2000 também assinalam consideráveis presenças institucionais da pesquisa em jornalismo. O FNPJ (atual ABEJ) constituiu-se como entidade em 2004 com estatuto próprio e diretoria, como amadurecimento dos encontros anuais realizados dentro da Intercom a partir de 1995. A ABEJ publica desde 2007 sua revista científica, a *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*.

Em coro à ABEJ, como entidade científica voltada aos estudos em jornalismo, é fundada em 2003 a SBPJor. Elias Machado, da UFBA (hoje, na UFSC) foi o primeiro presidente da entidade. José Marques de Melo – um dos pesquisadores de maior

reconhecimento no campo da comunicação, com várias publicações (livros e artigos científicos) sobre jornalismo – recebeu os títulos de associado número 1 e associado emérito da SBPJor. Até o ano de 2018, a diretoria da entidade foi ocupada por Carlos Franciscato (UFS), Dione Moura (UnB), Cláudia Lago (USP) e Monica Martinez (Uniso).

A SBPJor começou a publicar em 2005 seu periódico científico internacional *Brazilian Journalism Research*, primeiro editado em inglês e posteriormente, em português/espanhol. As duas edições daquele ano foram destinadas para apresentar a pesquisa em jornalismo no Brasil (*Journalism Research in Brazil*), com artigos científicos, no dossiê número 1, de Elias Machado, Marcia Benetti, Eduardo Meditsch (com Mariana Segala) e Luiz Gonzaga Motta; e no número 2, de Sônia Virgínia Moreira e Elizabeth Saad. A segunda edição de 2017 foi dedicada às teorias do jornalismo (*Journalism Theories*), com textos, no dossiê, de Barbie Zelizer (EUA), Stephen D. Reese (EUA), Thomas Hanitzsch (Alemanha) e Frank Esser (Alemanha).

Anualmente, a contar de 2006, a SBPJor premia pesquisadores do jornalismo, semelhante ao que a Intercom faz há alguns anos. A premiação é concedida em quatro categorias: iniciação científica, dissertação de mestrado, tese de doutorado e pesquisador sênior (mesclando trajetória acadêmica e contribuições na consolidação da pesquisa neste ramo). Quem empresta seu nome à condecoração é o principal proponente da teoria do jornalismo: Adelmo Genro Filho (PAGF).

Ainda sobre a expansão da pesquisa em jornalismo em espaços institucionais, citamos o GT de Jornalismo da Intercom, que se deu até 2008. No ano seguinte, houve uma nova disposição na estrutura dos GTs. Assim como outros grupos, o de Jornalismo foi ampliado e ganhou cinco subdivisões: Teoria do Jornalismo; Gêneros Jornalísticos; História do Jornalismo; Jornalismo Impresso; e Telejornalismo. A ramificação Teoria do Jornalismo teve como seu primeiro coordenador Felipe Pena. Essa ampliação se deu, provavelmente, pelo protagonismo do jornalismo nos PPGsCom, com a criação de linhas de pesquisa nesta temática. Cabe destacar que neste momento já havia sido fundado o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na UFSC (que abordaremos mais adiante).

No congresso da Compós, o GT de Estudos de Jornalismo começou a funcionar em 2000. O *Livro da Compós*, que veicula temas relacionados à comunicação, teve sua edição de 2011 destinada ao jornalismo. Com o título *Jornalismo Contemporâneo*:

Figurações, Impasses e Perspectivas, a publicação foi organizada pelos professores Gislene Silva (PPGJor/UFSC), Dimas Künsch (PPGCom/Cásper Líbero), Christa Berger (PPGCom/Unisinós) e Afonso Albuquerque (PPGCom/UFF).

Convém situar aqui que os artigos científicos inscritos na rubrica “teoria do jornalismo” começaram a aparecer efetivamente nos congressos de comunicação a partir de 2000. Numa breve análise quantitativa, ao tomar como parâmetro a indicação a marca “teoria do jornalismo” e/ou “teorias do jornalismo” no título, no resumo ou nas palavras-chave dos artigos publicados nos anais da SBPJor e dos GTs de jornalismo da Intercom e da Compós, verificamos uma trajetória ascendente nos textos dentro deste escopo. Até fins do século passado, não era comum ver trabalhos sobre o tema nos eventos da área. Uma exceção é um artigo no encontro da Intercom em 1994, cujo título remete ao tema: *A Imprensa Sindical dos anos 60 – Produção sem Teoria Jornalística*, de Alcina Maria Cardoso.

Nas dez primeiras edições da SBPJor (2003-2012), foram submetidos 48 trabalhos sob a etiqueta “teoria do jornalismo”: dois em 2003; um em 2004; quatro em 2005; cinco em 2006; três em 2007; onze em 2008; três em 2009; seis em 2010; oito em 2011; e cinco em 2012. No GT de Jornalismo da Intercom, que vigora desde 1993, foi José Marques de Melo quem deu a partida, em 2000, na submissão de artigos nesta seara, com o texto *A Natureza do Jornalismo e a Missão do Jornalista Segundo Costa Rego*. Entre os anos de 2001 e 2008, foram submetidos 19 artigos dentro deste escopo: um em 2001 e 2003, cada; três em 2005; um em 2006; sete em 2007; e seis em 2008. No GT Estudos de Jornalismo da Compós, notamos artigos nesta linha já no primeiro ano de funcionamento do grupo em 2000, como *Ensaio sobre o Jornalismo: um Contraponto ao Ceticismo em Relação à Tese da Mediação Jornalística*, de Josenildo Guerra, e *Os Atos Verbais Jornalísticos: um Estudo dos ‘Fazeres’ Jornalísticos por Editorias de Política*, de Lia Seixas. Mas nenhum dos textos, no primeiro ano do GT, apresentava em seu corpo os componentes “resumo” e “palavras-chave”, que empregamos como parâmetro para fazer esta rápida análise quantitativa. Assim, com base na nossa abordagem, observamos oito trabalhos em teorias do jornalismo concentrados na segunda metade da década: três em 2006; um em 2007, 2008 e 2009, cada; e dois em 2010.

Ainda analisando superficialmente os dados apresentados acima, a partir do cruzamento deles (das três entidades), vale sublinhar a relação entre o crescimento no

número de artigos científicos sobre teorias do jornalismo entre 2000 e 2010 e a constituição de ambientes institucionais que tendem a estimular sua produção, como linhas de pesquisa que priorizam o jornalismo, nos PPGsCom, criadas naquele período (UFRGS, UnB, Unisinos e Cásper Líbero) e o próprio funcionamento do Mestrado em Jornalismo da UFSC, em 2007, do qual falaremos adiante. Um exemplo disso é a avaliação feita pela professora da UFRGS Marcia Benetti, coordenadora do GT de Estudos de Jornalismo da Compós no biênio 2005-2006, sobre o impacto da ausência de linhas de pesquisa em jornalismo nos PPGs (quando se pleiteava a criação do Mestrado em Jornalismo da UFSC) no desenvolvimento de pesquisa nesta temática.

A ausência de linhas específicas de Jornalismo nos demais programas não tem limitado nem a pesquisa dos orientadores nem o acesso de estudantes que tenham o Jornalismo como objeto de pesquisa. Porém, em virtude do instrumento de avaliação da Capes, que analisa, entre outros itens, o vínculo entre linhas e projetos de pesquisa, há sempre um esforço de adaptação das temáticas ou abordagens dos projetos em relação às ementas das linhas de pesquisa sempre mais abrangentes do que o já extenso campo do Jornalismo. Ao mesmo tempo em que assegura a inserção destes projetos na área de Comunicação, fortalecendo-a em sua diversidade, essa estratégia pode estar prejudicando o desenvolvimento de um **grande eixo de pesquisa, com objetos e teorias próprios, como é o caso do Jornalismo** (MACHADO, 2004 *apud* FRIGHETTO, 2016, p. 199, grifo nosso)³.

O primeiro mestrado acadêmico do Brasil com o jornalismo como área de concentração começou a operar na UFSC, em agosto de 2007, como continuidade do trabalho do grupo de docentes da instituição que busca esta especialidade. Anteriormente, em 2001, havia sido criado o curso de especialização em Estudos de Jornalismo, que funcionou até 2006. Segundo Meditsch, Ayres e Betti (2017, p. 77), a pós-graduação na modalidade *lato sensu* serviu como uma espécie de tubo de ensaio para a implantação do mestrado em Jornalismo, “permitindo a experimentação de estratégias de ensino e pesquisa a nível de pós-graduação, além de uma fonte adicional de recursos para a sua instalação, possibilitando um melhor equipamento da biblioteca e da hemeroteca e o apoio às atividades de pesquisa dos docentes”, já que era cobrada uma mensalidade. O mestrado, inicialmente batizado de PosJor (hoje PPGJor), abrangia duas linhas de pesquisa: *Fundamentos do Jornalismo* (linha 1) e *Processos e Produtos*

³ Machado é outro sobrenome de citação bibliográfica de Marcia Benetti. A avaliação da pesquisadora é de 2004, como registra Frighetto (2016), embora ela tenha sido coordenadora do GT de Estudos de Jornalismo da Compós nos anos de 2005 e 2006.

Jornalísticos (linha 2). Em 2013, tendo em vista a proposta para a criação do doutorado (após o Programa passar da nota 3 para a 4 na primeira avaliação trienal da Capes, em 2010), essas linhas foram reconfiguradas e ganharam uma nomenclatura mais ampla: *Jornalismo, Cultura e Sociedade* (linha 1) e *Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo* (linha 2).

A área de concentração em Jornalismo do PPGJor, na página do Programa na internet, apoia-se, do ponto de vista internacional, na tese de doutoramento do filósofo alemão Tobias Peucer sobre jornalismo em fins do século XVII, na abertura dos primeiros cursos universitários na Europa (no século XIX) e nos Estados Unidos (no século XX) e na primeira revista acadêmica dedicada ao tema nos Estados Unidos na década de 1920, e no âmbito nacional, no que considera objeto da tradição de um século de pesquisa.

Hoje em dia, os Estudos em Jornalismo situam-se internacionalmente na área das Ciências da Comunicação, adotando uma **abordagem multidisciplinar** para produzir conhecimento teórico, empírico e aplicado sobre a especificidade dos fenômenos jornalísticos na sociedade e na cultura contemporâneas. **O estudo científico do jornalismo data do final do século XVII**, com a defesa da primeira tese na Universidade de Leipzig, na Alemanha, em 1690, por Tobias Peucer; os primeiros cursos universitários de jornalismo surgiram a partir dos séculos XIX na Europa e XX nos Estados Unidos; a primeira revista acadêmica, *Journalism Bulletin*, foi fundada em 1924 nos Estados Unidos. No Brasil, a pesquisa em jornalismo conta com uma **tradição de cem anos**, em um primeiro momento feita por pesquisadores isolados e, desde os anos 1960, em cursos de pós-graduação. A área de concentração em Jornalismo, ao mesmo tempo em que **delimita o objeto de especialidade** da produção de conhecimento e da formação de pesquisadores pelo programa, em **coerência** com o histórico da instituição, as trajetórias e a produção científica do corpo docente, representa uma **diversificação** do Sistema Nacional de Pós-Graduação, capaz de propiciar **interlocação aos demais programas da área de Comunicação** numa sub-área em que quase todos atuam, mas ainda não poucas as linhas de pesquisa específicas (PPGJOR, online, grifo do autor)⁴.

O PPGJor oferta como disciplinas obrigatórias *Teoria do Jornalismo*, ministrada na primeira década de atividade do curso por Eduardo Meditsch (e também por Francisco Karam e Gislene Silva, em algumas ocasiões) e depois de 2017 por Jacques Mick (que começou a fazer parte do quadro docente do Programa naquele ano), e *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*, lecionada inicialmente por Elias Machado e, depois do ano de 2010, por Gislene Silva.

⁴ Disponível em: <<http://ppgjor.posgrad.ufsc.br/area-de-concentracao/>>. Acessado em: 2 de junho de 2018.

O PPGJor publica semestralmente desde 2004, quando funcionava a especialização em Estudos de Jornalismo, a revista científica *Estudos em Jornalismo e Midia*. Em seus primeiros cinco anos, o periódico dedicou duas edições na teorização do jornalismo: uma com a temática *Jornalismo e Conhecimento* (2005), com artigos de Teun van Dijk, Orlando Tambosi, Francisco Karam, Alfredo Vizeu e Gislene Silva, e outra intitulada *Teoria: Rumos, Tensões e Desafios* (2009), com textos de Gislene Silva e Jorge Pedro Sousa. Além disso, resgatou três textos de Adelmo Genro Filho publicados nos anos 1970 em jornais do Rio Grande do Sul, em que o autor já chamava atenção para as particularidades do jornalismo: *Questões sobre Jornalismo e Ideologia* (2004); *Sobre a Necessidade de uma Teoria do Jornalismo* (2004); e *O Jornalismo e a Crise da Objetividade Burguesa* (2005). O texto de apresentação da edição *Teoria: Rumos, Tensões e Desafios*, assinado pelo então editor da revista, Rogério Christofoletti, inicia com a seguinte afirmação:

Uma das primeiras preocupações de um campo de conhecimento que objetiva se consolidar é delimitar suas bases teóricas. Essas raízes não apenas sinalizam uma tradição na produção de saberes, mas também dão sustentação aos frutos que surgirão nas próximas gerações. Neste sentido, o Jornalismo também se ocupa de definir conceitos, teorias e modelos que ajudem a visualizar os limites que o fazem um **campo autônomo de conhecimento** (CHRISTOFOLETTI, 2009, s/p, grifo nosso).

O projeto do PosJor começou a ser concebido em 2000, ano em que o curso de graduação mudou para Jornalismo (sem a nomenclatura Comunicação Social na frente), com o grupo de pesquisa em estudos de jornalismo cadastrado no CNPq, sob a coordenação dos professores do Departamento de Jornalismo da UFSC Eduardo Meditsch e Nilson Lage (MEDITSCH; AYRES; BETTI, 2017). No ano seguinte, relatam os pesquisadores, cogitou-se a criação de um mestrado profissional em jornalismo, mas a proposta foi abortada devido à resistência dentro do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, onde se encontra o Departamento de Jornalismo. Em 2006, o projeto do mestrado acadêmico em jornalismo foi encaminhado à Capes, mas teve parecer rejeitado pelo Conselho Técnico Científico da entidade, fazendo com que o grupo da UFSC elaborasse um recurso, que, a partir de uma nova avaliação, aprovou a criação do curso no início de 2007 (MEDITSCH; AYRES; BETTI, 2017).

Até aquele momento, a Área de Comunicação resistia em aceitar um mestrado

especializado numa sub-área do campo, ainda mais sendo a de Jornalismo, considerada “separatista” pela visão então dominante. Todos os programas existentes no país eram de “Comunicação” ou “Ciências da Comunicação” desde a reforma do Programa da USP, que extinguiu e incorporou o Programa de Jornalismo que lá estava em desenvolvimento no final do anos 90. A Comunicação buscava sua legitimação como disciplina acadêmica, e **a reivindicação do Jornalismo pelo reconhecimento de uma teoria própria era vista como ameaça** àquela expectativa hegemônica na pós-graduação da área (MEDITSCH; AYRES; BETTI, 2017, p. 77, grifo nosso).

É possível dizer que a implantação do mestrado em Jornalismo da UFSC justificou-se no trabalho de Adelmo Genro Filho, que requereu em diversos textos a especificidade do jornalismo com uma teoria própria, profundamente expressa na obra *O segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo*. O livro “constou como bibliografia obrigatória para as seleções de acesso ao mestrado que tiveram prova escrita, além de estar presente na disciplina Teoria do Jornalismo” (PONTES, 2015, p. 267). O pesquisador acrescenta que a obra também aparece como bibliografia de outras disciplinas do PPGJor e em 23 dissertações defendidas até 2014.

O segundo mestrado do país tendo o jornalismo como área de concentração é da UEPG, de 2013. Com área de concentração denominada Processos Jornalísticos, o curso reúne duas linhas de pesquisa: *Processos de Produção Jornalística* (linha 1) e *Processos Jornalísticos e Práticas Sociais* (linha 2). A grade antiga (que funcionou até 2017) ofertava como matérias obrigatórias *Teorias do Jornalismo*, *Metodologias de Pesquisa em Jornalismo*, *Mídia e Formação da Opinião Pública*, *Jornalismo e Agendamento Temático* e *Seminário Metodológico*. Desde 2018, houve uma alteração nos créditos obrigatórios: *Teorias do Jornalismo* e *Metodologias de Pesquisa em Jornalismo* permaneceram, mas as anteriores foram extintas e deram lugar a *Jornalismo e Convergência Tecnológica* e *Jornalismo, Democracia e Poder*. Existem duas publicações acadêmicas vinculadas ao PPG: o periódico *Pauta Geral – Estudos em Jornalismo*⁵, com edições semestrais desde 2014, e a *Revista Internacional de Folkcomunicação*, com edições também semestrais, iniciadas em 2003.

Os outros três mestrados em jornalismo em funcionamento tem caráter profissional. Ao contrário do mestrado acadêmico, a modalidade profissional objetiva, por meio do estudo de técnicas e/ou processos, atender demandas do mercado de trabalho. Conforme Fischer (2005), trata-se de uma ocorrência relativamente recente na

⁵ O nome da revista replica o projeto *Pauta Geral: Estudos em Jornalismo*, publicada em versão impressa em 1993 e editada por Elias Machado e Sérgio Luiz Gadini (ROCHA, 2014).

pós-graduação brasileira, cujos primeiros cursos foram implementados em meados dos anos 1990. Ainda de acordo com a autora, a ideia de capacitação profissional na pós-graduação está expressa no parecer nº 977/65 do então CFE, embora tenha sido regulamentado em 1995. No entanto, a modalidade acadêmica tornou-se predominante devido à necessidade de qualificação docente para o ensino e a pesquisa no país.

O mestrado da UFPB é ofertado na área de concentração em *Produção Jornalística* e teve início no mesmo ano do curso da UEPG, em 2013. Há apenas uma linha de pesquisa: *Processos, Práticas e Produtos*. O Programa tem apenas uma cadeira obrigatória: *Teorias do Jornalismo*. O curso publica, desde 2014, a revista acadêmica *Âncora*.

Entre 2015 e 2019, funcionou o mestrado da Fiam-Faam, com área de concentração em *Práticas Jornalísticas* e duas linhas de pesquisa: *Linguagens Jornalísticas e Tecnologias* (linha 1) e *Jornalismo e Mercado de Trabalho* (linha 2). A revista acadêmica *Parágrafo*, editada desde 2013 e, posteriormente, vinculada ao Programa, também teve suas edições encerradas.

O mestrado mais recente com o jornalismo como especialidade é o da ESPM, com área de concentração em *Produção Jornalística e Mercado*, cujas atividades começaram em 2016. Há duas linhas de pesquisa: *Lógicas e Modelos de Gestão em Jornalismo* (linha 1) e *Produção de Conteúdo* (linha 2). Tem como matérias obrigatórias *Teorias do Jornalismo: Estudos e Reflexões, Métodos e Técnicas de Pesquisa Aplicados ao Jornalismo e Ética, Jornalismo e Sociedade*. O Programa não edita revista acadêmica.

Chama atenção a proximidade temporal entre as ações institucionais, que se tornaram mais intensas a partir deste século. A marcação no tempo fica mais evidente, quando elencamos os anos em que foram instituídas: especialização em Estudos de Jornalismo, do Departamento de Jornalismo da UFSC, entre 2001 e 2006; SBPJor em 2003; revista *Estudos em Jornalismo e Mídia* em 2004; revista *Brazilian Journalism Research* em 2005; mestrado em Jornalismo da UFSC e *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo* em 2007; ampliação do GT de Jornalismo da Intercom, abrangendo a subdivisão Teoria do Jornalismo, em 2009; mestrado em Jornalismo da UFPB e da UEPG e novas diretrizes curriculares para o curso de jornalismo em 2013; doutorado em Jornalismo da UFSC e revistas *Âncora*, da UFPB, e *Pauta Geral*, da UEPG, em 2014; e mestrado em Jornalismo da Fiam-Faam em 2015. Citamos ainda os livros com a

nomenclatura “teorias do jornalismo” lançados entre 2002 e 2005 por Jorge Pedro Sousa, Nelson Traquina (publicou dois volumes) e Felipe Pena.

O próprio Eduardo Meditsch, um dos principais agentes da luta pelo reconhecimento acadêmico do jornalismo, expõe essas estratégias em diversos textos, seja ao falar da encomenda dos dois livros de teorias do jornalismo (publicados em 2004 e 2005) para Nelson Traquina pelo curso de especialização em Estudos de Jornalismo da UFSC ou, mesmo, por dizer que o curso de pós-graduação na modalidade *lato sensu* entre 2001 e 2006 foi “tubo de ensaio” para a implantação do mestrado acadêmico em Jornalismo na instituição, em 2007, bem como no trabalho como coordenador desde 2009 da série *Jornalismo a Rigor*, da Editora Insular, que visa editar obras que privilegiem o jornalismo, e ao integrar o grupo de especialistas que elaborou as novas diretrizes curriculares para o curso de jornalismo, aprovadas pelo MEC em 2013.

Essas ações – conscientes ou não, interligadas ou não – expressam o avanço e a força institucional da pesquisa em jornalismo no Brasil, bem como justificam, de certo modo, o numeroso acúmulo de sua produção acadêmica. Finalizada esta tarefa, cabe a partir de agora indagar se este quadro institucional robusto se traduz no âmbito do conteúdo científico. Ou seja, na análise da produção de conceitos, teorias e métodos desta especialidade.

Referências bibliográficas

CHRISTOFOLETTI, R. Apresentação (Teoria: rumos, tensões e desafios). **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 2, 2009.

DEFLEUR, M.; BALL-ROKEACH, S. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FISCHER, T. Mestrado profissional como prática acadêmica. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 24-29, 2005.

FRIGHETTO, M. **Uma escola de jornalismo: o poder e o saber na história do projeto pedagógico do curso da UFSC**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1995.

MEDITSCH, E.; AYRES, M.; BETTI, J. G. Dez anos do PosJor UFSC: relato do percurso e perfil da produção. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, n. 2, p. 75-88, 2017.

MIÈGE, B. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PONTES, F. **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo no Brasil: uma análise crítica**. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

ROCHA, P. M. Segmento científico reforça espaço de debates no campo jornalístico (editorial). **Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**, v. 1, n. 1, 2014.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.